



Homenagem ao Prof. Jose J. Queiroz

Tribute to Prof. José J. Queiroz

*Eulálio Avelino Pereira Figueira**

No dia 30 de agosto de 2024 nosso professor patriarca, José J. Queiroz, nos deixou definitivamente. Pioneiro da ciência da religião no Brasil, em 1978, quando ainda não se pensava e nem se falava nessa ciência, juntamente com o Professor Edênio Valle, protagonizou a criação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP (com esta nomenclatura o programa de pós-graduação foi registrado). Era uma experiência inédita que ensaiava um modo científico peculiar de abordar religião, tinha como espelho as ciências humanas e a própria teologia que eram praticadas por aqui.

Estava lançada a intuição do estudo científico do fenômeno religioso por meio de abordagens multidisciplinares. Apesar de a história da ciência da religião na Alemanha já se apresentar centenária, a universidade brasileira não havia incluído no quadro de seus cursos e departamentos esta nomenclatura para designar uma disciplina ou uma área de conhecimento autônoma que se ocupasse dos estudos de religião. As heranças positivistas de nosso modelo universitário nacional (implantado pela República Velha somente em 1920) não postulavam a presença do religioso como objeto específico de estudos – incluindo a clássica abordagem teológica – e, muito menos, a possibilidade epistemológica de uma ciência autônoma da religião.

Na PUC-SP, o campo para a implantação de tal método de abordagem estava aberto. A Faculdade de Teologia – historicamente incumbida por tratar da religião – instituída nas origens da universidade, havia trilhado um caminho autônomo, fora retirada do corpo universitário desde a reforma universitária feita pelo regime militar. Como as demais universidades confessionais brasileiras, a PUC-SP não contava com a regulamentação legal do Ministério da Educação para sua Faculdade Eclesiástica (instituída pela Santa Sé) com seu curso de Teologia. Foi nessa moldura institucional ambígua, que exigia a distinção e a separação do religioso da ciência universitária, que o novo programa de pós-graduação entrou em cena – o que, em muitos, causou estranhamentos e, até mesmo, oposição.

Surge um novo mestrado. Nele, seus idealizadores vinham de uma formação clássica europeia e de uma experiência fecunda de vida universitária. No caso de José J. Queiroz, era herdeiro da tradição intelectual dominicana, em que a ciência tem seu lugar específico e sua justificativa repousa sobre a fé. Depois da formação em filosofia e teologia em Bolonha, escreveu e defendeu em latim uma tese doutoral em direito

* Doutor em Ciência da Religião. Contato: efigueira@pucsp.br. ORCID: 0000-0003-2441-3144

canônico/civil na Universidade Santo Tomás, em Roma. Na PUC, já atuava em um instituto que tinha como missão colocar a universidade em contato com a sociedade e a cultura. Queiroz tem no pensador Antonio Gramsci um dos autores de sua “caixa de ferramentas” teóricas, que irá contribuir com suas reflexões sobre cultura e religião populares.

Tratava-se, de fato, da criação de uma área de conhecimento que deveria enfrentar os desafios de demonstrar suas legitimidades epistemológica e política dentro da universidade e na comunidade acadêmica nacional. Era também a oferta de formação qualificada para agentes pastorais e sociais no contexto social e político do regime autoritário militar, que buscavam cidadania acadêmica e epistemológica fora das linhas da teologia.

Em 1978 o novo programa nasce pequeno e ousado; busca os caminhos metodológicos e políticos para construir a si mesmo, dentro dos parâmetros curriculares da PUC-SP e da incipiente Capes. O curso contava com um corpo docente restrito, o que se compensava com a figura dos professores convidados que passavam de tempos em tempos pelo programa. Sob a coordenação de Queiroz, o programa foi tomando forma de maneira lenta até chegar ao doutorado com algumas centenas de dissertações de mestrado defendidas, quando já exibia um desempenho acadêmico notável pelo corpo docente ampliado e pela resposta qualificada às exigências da Capes, e um reconhecimento de excelência nacional no meio acadêmico.

Uma identidade epistemológica própria já se mostrava clara: o então Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências da Religião assume-se como ciência da religião, afirmava-se como ciência específica sobre o fenômeno religioso distinguindo-se nitidamente de outras ciências humanas e da teologia para o trato do fato religioso. O que mais tarde foi institucionalizado na Área 44 da Capes, agregando e distinguindo as subáreas “Teologia” de “Ciência da Religião” nasceu em grande medida nesse canteiro fecundo. O programa de ciência da religião foi, de fato, o espaço acadêmico que pensou, praticou e formulou uma epistemologia própria para o estudo científico da religião, diferenciando-se da teologia do ponto de vista do objeto, dos métodos, das fontes teóricas e da organização curricular.

José J. Queiroz nasceu em Salto Grande, na região do Paranapanema, na véspera do Natal de 1932. A letra J. que comporia o segundo nome permaneceu como uma espécie de mistério. Seu pai assim o registrou. O nome original sempre despertou curiosidades em seu ciclo mais próximo. O que o pai queria designar com aquela letra jota? Talvez João, nome do próprio pai. Contudo, a personalidade de Queiroz não tinha mistérios; primava pela simplicidade e bondade, manifestadas imediatamente em suas posturas, gestos e palavras. Talvez fosse possuidor de um único segredo: não demonstrar sua competência em questões clássicas e modernas referentes aos domínios da vida intelectual.

Poliglota, tradutor, interdisciplinar e didático, estudioso e sempre sintonizado com as múltiplas faces das ciências humanas. A boina e as sandálias que usava eram incorporadas à sua personalidade, assim como a paciência, a serenidade e o bom humor. Quem teve o privilégio de conviver com ele levará para sempre essa imagem singela e o aprendizado da simplicidade que acompanha os sábios.

Homem de bondade ímpar, capaz de levar seus orientandos a enveredar por novas soluções de tal forma que o orientando se sentia como sendo o dono da mudança. Desempenhava com a mesma competência e cuidado, fosse para um mestrando, doutorando ou quem entrava no curso lato senso. Tinha a leveza e a capacidade de falar a linguagem que todos entendiam, e eles se sentiam acolhidos pelo homem de grande sabedoria e de grande cuidado para com todos.

José J. Queiroz compõe a galeria dos grandes intelectuais da PUC-SP e daqueles que contribuíram com a construção da universidade que resistiu aos anos de chumbo e construiu para si mesma a identidade da liberdade acadêmica e da defesa dos direitos humanos. Sua formação em direito foi dedicada a esse serviço.

Vale narrar um fato pouco conhecido: quando do processo sofrido por Leonardo Boff na Congregação da Doutrina da Fé, a pedido de Dom Paulo Evaristo Arns interpôs, juntamente com Hélio Bicudo, um recurso junto aos tribunais da Cúria Romana em nome da liberdade e dos direitos. Entrara em ação o jurista comprometido com a causa dos direitos à liberdade e à igualdade, mesmo sabendo do risco do fracasso. A utopia do mundo mais justo e fraterno foi seu horizonte permanente e lhe sustentou como intelectual, cidadão e cristão. O Evangelho proclamado na eucaristia celebrada em sua memória de sétimo dia caiu sob medida: soube sempre enfrentar as crises da vida lançando as redes em águas mais profundas (Lc 5,4).

A história do grande professor se confunde com a história da PUC-SP, com um modelo próprio de universidade confessional que, a seu modo, aliou de maneira inseparável as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão com o papel social e político junto aos excluídos e às vítimas de todo tipo de opressão. Por meio do Instituto de Estudos Especiais, que coordenou por anos, colocava em prática os ideais de uma universidade socialmente inserida em consonância com as opções pastorais da arquidiocese de São Paulo, alinhada à Teologia da Libertação.

A PUC consolidava-se como espaço de reflexão e de militância que resistia aos controles da ditadura militar e, ao mesmo tempo, acolhia pensadores cassados de suas cátedras e exilados. Nomes mundialmente conhecidos encontraram abrigo em nosso claustro universitário e ofereciam suas reflexões críticas ao país que ansiava por democracia.

José J. Queiroz foi um dos artífices dessa universidade que ainda exhibe a marca de pensamento e ação libertadores. Como tudo que é humano, essa geração está passando e deixando seus legados ao mundo da era digital. Se a PUC não é mais a mesma, também o mundo passa por mudanças vertiginosas que exigem, de novo, a pergunta pelas funções acadêmicas e políticas da Universidade. A sociedade da informação digital clama pela ciência que ajude a discernir o falso do verdadeiro, a formação de sujeitos críticos e criativos e a construção permanente das ciências. O avanço planetário dos regimes autoritários de extrema direita exige, mais uma vez, das universidades, a afirmação das liberdades e das igualdades fundamentais dos seres humanos contra todas as fobias e políticas de medo.

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião levará consigo a memória de Queiroz com sentimento de gratidão e de filiação acadêmica. A cada geração, a cada revisão curricular, a cada nova coordenação e a cada novo cientista da religião, a figura daquele que deu os primeiros passos estará, de alguma forma, presente.

Nas suas pegadas caminhará de modo incansável na busca da forma mais coerente de pesquisar e ensinar a estudar religião. Seu legado ensina a busca permanente do método específico de fazer ciência da religião e o caminho que cruza os conhecimentos para além de todos os isolamentos disciplinares.

Queiroz bebeu de Tomás de Aquino em sua formação primeira, permaneceu filósofo, aproximou-se de teorias dialéticas e chegou a Edgar Morin em sua maturidade. Praticou em sua carreira a multiplicidade de abordagens; começou de novo, deixou para trás o que não respondia aos desafios da realidade. Estudou, pesou e ensinou até quando sua idade permitiu. Viveu seus últimos anos na companhia da amada esposa Ana, a quem dedicava poesias de sua autoria. Adiou a morte com sua longa existência de noventa e um anos e oito meses.

A geração de orientandos e de alunos que aprenderam com o mestre a seriedade acadêmica e a humildade faz coro com essa homenagem que vem a público no presente dossiê de REVER. Os docentes que conviveram com Queiroz são, antes de tudo, gratos por sua vida, amizade e pioneirismo na Ciência da Religião. Os autores que contribuíram com as reflexões ora publicadas acendem, cada qual com sua perspectiva, uma vela em sua memória e, assim, se mantém aceso o luzeiro de pensamento e persistência desse nosso Orientador. José J. Queiroz, de fato, brilha entre nós como chama viva. “Os sábios brilharão como brilha o firmamento” (Dn 13,3).

Esse dossiê vem a público quando a PUC-SP mais uma vez renova sua direção com uma nova Reitoria escolhida pela comunidade. A figura de Queiroz sintetiza a memória da universidade que soube inventar a si mesma do ponto de vista acadêmico e político e tornar-se uma referência nacional na sua modalidade confessional e comunitária. Com Queiroz fazemos coro com os que afirmam a autonomia universitária, a qualidade acadêmica, a ousadia em criar o novo, o respeito à carreira acadêmica e à missão social da universidade.

As temáticas dos artigos expõem as múltiplas dimensões da personalidade acadêmica, das aptidões e das ações do mestre Queiroz no decorrer de sua longa existência. O pequeno mutirão de seus amigos e admiradores permitiu construir essa homenagem que será de todos os docentes e alunos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião e, por certo, de toda a universidade.